

Tradução de textos técnicos de/para língua de sinais

**TRADUÇÃO DE PROVAS PARA VIDEOLIBRAS DO PROCESSO SELETIVO
2017 LETRAS LIBRAS UFG: APLICAÇÕES TEÓRICAS NO FAZER
TRADUTÓRIO**

Sofia Oliveira Pereira Anjos Coimbra da Silva-UFG
Weber Flávio Oliveira Mendes-UFG
Rodrigo Nascimento Guedes-ASG

O avanço da comunidade surda rumo aos espaços sociais disponíveis e de direito garantidos pelo estado brasileiro provocam demandas emergentes de atividades relacionadas a tradução e interpretação de culturas. Neste trabalho focalizamos a atividade de tradução de textos técnicos de cunho avaliativos para o ingresso de candidatos surdos à formação superior em Letras: Libras da Universidade Federal de Goiás.

A atividade de tradução dos Processos Seletivos (doravante, PS) para candidatos surdos aspirantes a cursar o Letras: Libras (licenciatura) da UFG está proposta como ação afirmativa de inclusão acadêmica de grupos minoritários atendidos pelo projeto UFGincludi, a saber: os indígenas, os quilombolas e os surdos. A atividade de tradução dos PS Letras: Libras é realizado desde o ano de 2012 sob a competência da Faculdade de Letras e do Centro de Seleção UFG. Neste trabalho nossa análise centra-se no PS 2017, cujo trabalho envolveu uma equipe composta de três tradutores.

A tradução das provas do PS 2017 para videoLibras envolveu diferentes tarefas tradutórias, entretanto, neste trabalho, destacamos o trabalho da equipe de tradutores composta por três identidades diferentes. Assim, o objetivo desse trabalho é apontar tarefas tradutórias desenvolvidas no PS2017 relacionando-as às influências identitárias envolvidas no fazer tradutório desta equipe em particular.

As tarefas realizadas para a tradução do PS 2017 Letras: Libras UFG

Desde a primeira proposta de equipe para realizar a tradução de provas e construção do videoLibras, um dos critérios de composição é uma equipe formada por surdos e ouvintes. De 2012 a 2016 participam da equipe de tradutores dos PS Letras Libras UFG: um surdo professor de Libras e dois tradutores intérpretes de Libras-Português (doravante, Tilsp).

As etapas de trabalho são executadas individualmente e depois em grupo. Temos na primeira etapa as seguintes atividades: leitura de compreensão das questões em língua portuguesa advinda da banca elaboradora, a divisão das questões entre os tradutores, a leitura interpretativa das questões designadas a cada tradutor e o registro em glosas complementadas por mapas imagéticos de disposição espacial dos sentidos apresentando a primeira tradução realizada individualmente pelo tradutor.

Em seguida, a segunda etapa é composta pela discussão da primeira tradução realizada individualmente. Assim ao se voltar para o grupo o tradutor da vez solicita a leitura da questão pelos colegas para que esses identifiquem os sentidos vinculados na questão inteira (pergunta e alternativas). Após essa leitura, o tradutor apresenta sua primeira versão para a Libras que abre a discussão a respeito das escolhas, estratégias e sugestões. Após a conclusão do formato de tradução para a questão, o tradutor realiza o registro em vídeo em software *Movie Maker*, nomeando o vídeo conforme padrão combinado anteriormente para sequência de vídeos.

As próximas etapas envolvem a performance “tradutor” para a filmagem das questões em libras que posteriormente, após o tratamento de edição o material é publicado por software de edição específico transformando-se no videoLibras do PS destino, nesse caso o PS 2017 – Letras: Libras UFG.

A tarefa tradutória que queremos destacar é realizada na segunda etapa quando após a tradução individual registrada através de glosas e mapas imagéticos de espacialização dos sentidos procedemos a discussão da questão, momento esse em que apresentamos a versão em Libras dos sentidos imbuídos das justificativas para as escolhas ou apresentamos propostas de soluções ao colega carregadas das influências identitárias que cada membro da equipe possui.

As identidades envolvidas no PS 2017 Letras Libras UFG

As vertentes identitárias identificadas na equipe de tradutores do PS2017 podem ser descritas assim: Intérprete CODA – ILS-CD, Intérprete surdo – ILS-S Intérprete comunitário – ILS-C. Nos referimos aos tradutores como Intérpretes na definição de sua identidade pois a formação de tais profissionais não era formalmente exercida pela academia e por esse motivo a maior parte dos tradutores atuantes iniciaram no campo da tradução pela atividade de interpretar. Portanto, formaram suas identidades profissionais a partir das experiências de interpretação e só depois se envolveram na atividade de

traduzir entre o par Libras e Português Brasileiro. Entretanto para fins de relacionar a atividade à identidade nesse trabalho de tradução trataremos por: tradutor CODA, tradutor Surdo e tradutor comunitário.

O PERCURSO IDENTITÁRIO DO TRADUTOR CODA

O filho que nasceu ouvinte, em uma família com pais surdos, vai aprender a sinalizar e a usar a língua de sinais de modo natural, e essa será a sua língua materna.

Os CODA's são expostos à língua de sinais e percebem que os movimentos que os seus pais produzem, trazem significados e conteúdos. Os CODAs aprendem primeiro a língua de sinais e quase que simultaneamente, em contato com familiares ouvintes, aprendem também a língua oral, portanto, eles crescem bilíngües.

Para os CODA's que tem exposição à língua de sinais num ambiente lingüístico favorável, a aquisição da linguagem é semelhante à experiência das demais crianças que são expostas à língua oral. Para se tornarem bilíngües necessitam da exposição à língua oral, seja no ambiente familiar, com pessoas ouvintes, ou escolar.

É natural que os CODA's sejam os intérpretes do mundo ouvinte para seus pais. Desde muito cedo, os filhos de surdos percebem essa situação e se envolvem de maneira natural nesse processo tradutório. Seja porque os pais não entenderam a informação veiculada em língua oral, ou porque os ouvintes não compreenderam seus pais. Assim, inicia-se para os CODA's, essa tarefa de interpretação de modo natural entre os dois mundos, interpretando na família, dentro de casa, em lojas, bancos, em consultas médicas, ou em situações como programas de televisão, conversas ao telefone dentre outros.

Porém, nem todos os CODA's exercem profissionalmente a função de TILS. Grande parte dos CODA's se restringem em usar a língua de sinais apenas quando estão com seus pais, e não participam de outros eventos da comunidade surda. Quanto aos CODA's, que já cresceram em um ambiente lingüístico bilíngüe, seria mais fácil para eles freqüentarem um curso de tradutores/intérpretes, em comparação aos que não são CODA's, devido à fluência, bagagem cultural que carrega desde pequeno do universo surdo, facilidade nas compreensões dos aspectos não lingüísticos da língua e por conseguir compartilhar com os desafios enfrentados pelos surdos devido às barreiras lingüísticas. Para os CODA's, em sua grande maioria, faltaria apenas desenvolver as técnicas de tradução/interpretação, bem como as questões éticas que envolvem essa profissão. Entretanto, nem todos os CODA's desejam se tornar TILS.

Em sentido estrito do termo, entretanto, eles são intérpretes naturalmente, porém, ocasionalmente podem se transformar em profissionais de excelência. Aos que se tornam profissionais intérpretes, apresentam motivações específicas para o exercício profissional, relacionadas às singularidades do contexto familiar.

Os CODA's, por sua vez têm o privilégio de crescerem em um ambiente bilíngüe e se beneficiar de toda a riqueza cultural que a comunidade surda oferece.

Segundo Fernandes (2016), os filhos ouvintes de pais surdos são um importante segmento da comunidade surda que constitui e representa a situação de bilingüismo por imersão, envolvendo duas das inúmeras línguas faladas no Brasil, a Libras e a Língua Portuguesa. Os CODA's crescem bilíngües, descobrindo suas vidas construídas por esses dois mundos – o surdo e o ouvinte, e ora pertencem mais a um, ora mais ao outro, porém, freqüentemente, são os protagonistas na aproximação entre os dois mundos, por meio do domínio das duas línguas, das duas culturas e das suas interpretações.

Desde a infância, muitos filhos de pais surdos começam a se deparar com situações complexas de interpretação, e muitas vezes acabam sendo orientados pelos próprios pais sobre como interpretar, visto que a atividade ali realizada não é a de interpretação profissional. (Souza, 2014)

De acordo com Quadros, 2004, p.27, tarefa de interpretar exige uma densa preparação, habilidade cognitiva e raciocínio lógico do profissional. Envolve um ato cognitivo linguístico, pois é um processo em que o intérprete estará diante de pessoas que apresentam intenções comunicativas específicas e que utilizam línguas diferentes. Quadros, 2004, p.27:

Ele [o intérprete] processa a informação dada na língua fonte e faz escolhas lexicais, estruturais, semânticas e pragmáticas na língua alvo que devem se aproximar o mais apropriadamente da informação dada na língua fonte.

Portanto, o ato de interpretar envolve processos altamente complexos, o que gera uma alta exigência do profissional de tradução/interpretação de língua de sinais ao desenvolver seu trabalho e leva a compor um perfil profissional específico.

O filho de surdos pode crescer passando a desempenhar uma interpretação com carga de responsabilidade muito grande, precisando encontrar equivalências idiomáticas entre as línguas, o que se torna uma atividade desgastante para ele, pois naquele momento ainda não tem a formação específica para a atuação.

Coda, portanto, é um sujeito bilíngue e bicultural, por vivenciar a aquisição da língua de sinais desde o berço e compartilhar a sua cultura por participar da comunidade de forma natural. (Souza, 2014).

O PERCURSO IDENTITÁRIO DO TRADUTOR SURDO

O reconhecimento do trabalho envolvido no processo de tradução tem experiência com resultado que equipe tradutores que trabalho processo, a instituição UFGInclui em que pesquisa foi realizada também experimentar uma crescente por tradutor surdo que têm flexibilidade de trabalhar tanto de forma independente e em equipe daí a importância da equipe tradutores. Historicamente, pouco se sabe sobre os primeiros dias Surdos na tradução ou interpretação (Stone, 2005).

No entanto, Stone supor que, enquanto as pessoas surdas têm existido, eles foram tradução e interpretação dentro de comunidade surda. De acordo autor e Stone que ainda tem atual que tradução está desenvolvimento que os surdos participar tradutores na UFSC Letras- Libras e outras instituições até atual na UFG ofereceu oportunidade convidar tradutor surdo por que já experiência perto envolver comunidade surda.

Mesmo autor explicou teórico sobre tradutor Surdo: pessoas surdas com habilidades bilíngües equilibradas é que muitas vezes iria relatar notícias de jornais e outras fontes nas associações de surdos ou outros encontros de pessoas surdas (Stone, 2005). Este fenômeno tem provavelmente acontecido desde a primeira comunidade surda veio a existir há séculos (Bauman, 2008; Stone, 2005). “A competência intercultural” (Olk, 2002) p. 122) é um requisito para tradutor surdo, tradutor Coda e tradutor comunitário como interpretação eficaz pois requer a realização de tarefas objetivamente linguísticas e culturais.

O surdo participante da comunidade surda recebe definições como Ladd (2003: 44) afirma: “Portanto, esta comunidade tradicional consiste de pessoas surdas que frequentavam as escolas de surdos e conheci tanto em associação de surdos ou em outras atividades sociais surdos”. Em anos mais recentes membros da comunidade surda tem sido definida por Baker e Padden (1978: 4) como segue: “O fator básico mais útil determinar quem é um membro da comunidade surda parece ser o que é chamado de 'surdos de atitude'.

Os autores concordam que surdos de atitude que contexto experiência participa comunidade surda tem grupo participar os surdos escola e associação que tradutor surdo

que já tempo vivencie envolve atividade todo dia, tem influência cultura de certa forma, pois a cultura envolve “uma rede vivida de práticas e relações que constituíam a vida cotidiana, dentro da qual o papel do indivíduo estava em primeiro plano”.

Dessa forma, envolvendo o conceito de cultura uma forma de vida global, a despeito, preferimos entendê-la enquanto um enfrentamento entre modos de vida diferentes.

No PS 2017 Letras Libras UFG, aconteceu tradutores têm discussão como texto questões língua portuguesa traduzir libras que nos que defenderam que tradução cultural por que cada tradutores experiência contexto dentro comunidade surda, que ter vestibular que os surdos entrar processo seletivo entrar prova videoLibras, que nos preocupação não apenas traduzir palavras por palavras, que tradutor CODA que pais de surdos tem, tradutor comunitário que força equipe como objetiva interação cultural que tradução prova para surdos candidatos que esses contexto escola inclusão ensino médio lugares escolar sala de aula tem um intérprete com os alunos surdos que momento dificuldade formação conhecimento que quando preparar candidato surdo entrar vestibular surpresa videoLibras na UFG porque lá escola inclusão alguns não usado metodologia estratégia prova videoLibras.

Nossa equipe tradutores preocupação tradutor para os candidatos surdos conseguir realizar o vestibular. Até o momento há alguma literatura baseada em evidências sobre as estratégias da equipe e apoio da equipe, incluindo equipes compreendendo intérpretes exclusivamente auditivos e equipes que consistem de intérpretes e tradutores surdos e ouvintes. No entanto, nenhuma pesquisa foi realizada sobre se as equipes de interpretação que consistem em dois intérpretes surdos utilizam estratégias e técnicas semelhantes quando se trabalha em conjunto segundo Sforza 2014 p. 19.

O PERCURSO IDENTITÁRIO DO TRADUTOR COMUNITÁRIO

A constituição desse tradutor perpassa a aquisição da língua de sinais, no caso Libras, como segunda língua em meio às demandas interpretativas resultantes das necessidades comunicativas da comunidade surda em diferentes contextos comunitários.

Ao objetivarmos seguir a linha da tradução cultural é posto o inexorável fato de que a tradução entre duas culturas precisa confrontar os sentidos vinculados em “duas” culturas.

Segundo as reflexões de Célia Regina Ramos (2001) a tradução cultural é possível entre surdos e ouvintes no sentido de que o sujeito surdo tem a possibilidade de transgredir os sentidos na cultura surda e de se apropriar no movimento externo para o interno da cultura local que o rodeia.

No trabalho em equipes de tradução o confronto entre as culturas se estabelece no momento da discussão da primeira tradução realizada pelos componentes da equipe. Porém não é apenas do tradutor surdo a tarefa de busca das referências culturais da comunidade surda, mas as referências culturais da comunidade ouvinte precisam ser arroladas para que os sentidos construídos em Libras assumam uma aculturação total ou estrangeirizante na forma de chegarmos a uma tradução refinada discutida em equipe.

Metodologia

A metodologia aplicada para obter nossos recortes de análise foi o relato de experiência de cada tradutor participante da equipe do PS/2017/LL-UFG. Durante as tarefas tradutórias a equipe realizou vários momentos de discussão que foram relacionados a recortes teóricos incidentes durante a prática de traduzir do Texto Fonte (TF) em língua Portuguesa escrita para o Texto Alvo (TA). Assim, os recortes teórico-práticos foram pinçados durante os relatos desses participantes como proposta de análise do ato de traduzir entre modalidades de línguas distintas no sentido Português-Libras.

Análise e discussão dos destaques da pesquisa

Esse primeiro recorte apresenta duas soluções acolhida pela equipe que revelam a influência das identidades dos tradutores na defesa e execução de suas sugestões. A alternativa a) da questão 17 da prova de literatura envolvia resolver como traduziríamos a passagem do tempo dentro de um determinado período literário. Na imagem 1 a seguir o tradutor sugere a solução de iniciar o sinal com as duas mãos e separar num movimento para a esquerda propondo a divisão do espaço de tempo conforme o enunciado demonstrava.

A imagem 2 apresenta o resultado da discussão sobre o sinal de MOTIVO/POR CAUSA requerido na tradução por logo em seguiu apresentar uma nova frase em Português e que ao construir em Libras manteve a inicialização de uma nova ideia, motivo pelo qual concluímos que certo paralelismo na Libras também é adequado para a compreensão.

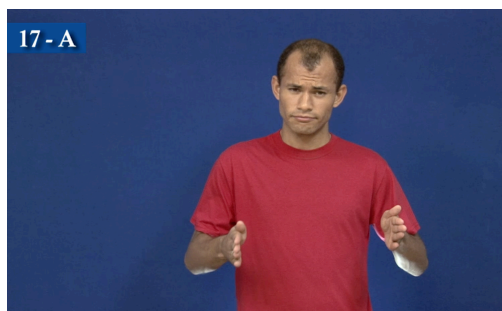


Imagem 1

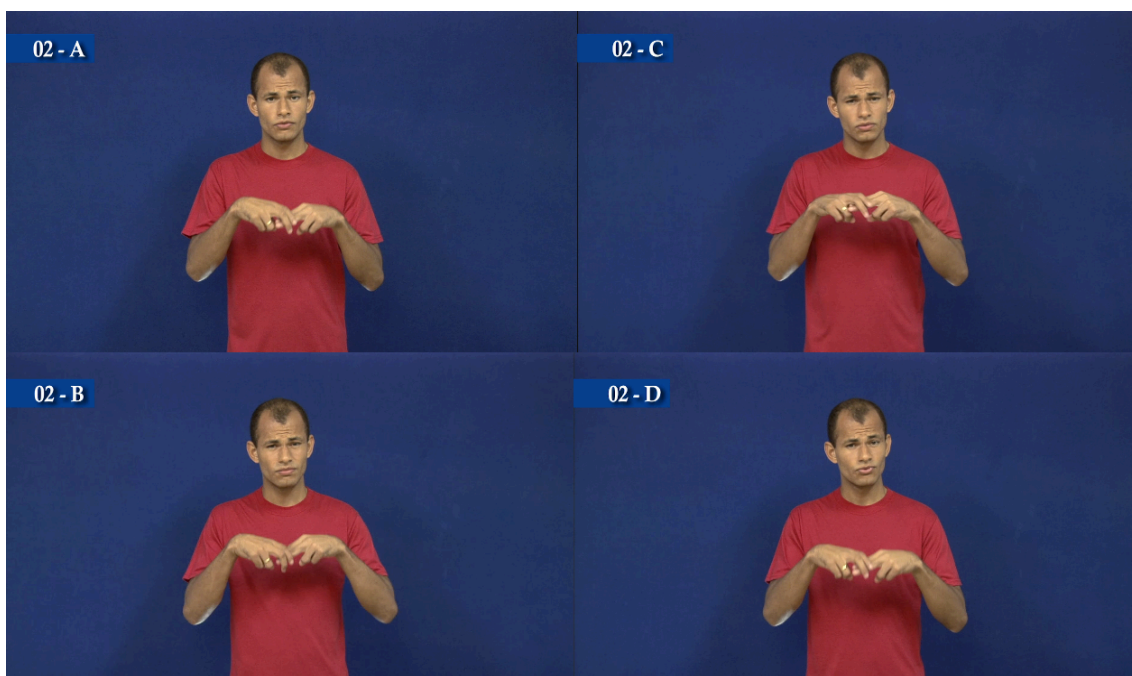


Imagem 2

A imagem 3 apresenta uma discussão sobre como representar a visita de um personagem ao Cristo Redentor. O tradutor Coda sugere a solução abaixo o que revela que a estática das expressões propostas por ele relaciona de forma direta a iconicidade do monumento facilmente relacionável por um membro da comunidade surda

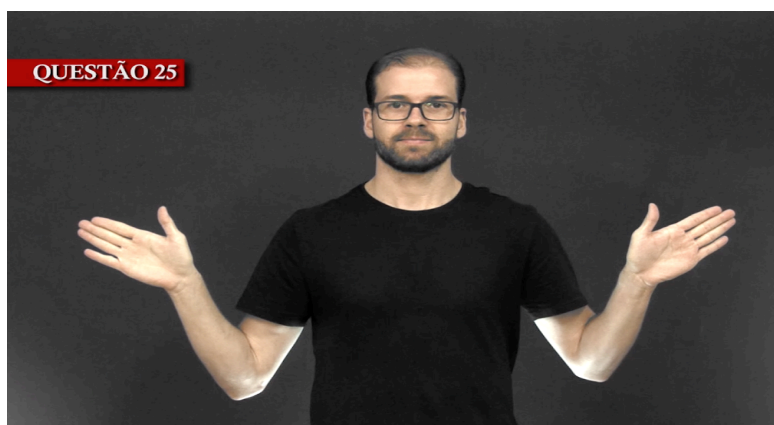


Imagem 3

A imagem 4 apresenta duas propostas da tradutora comunitária relacionando as duas línguas envolvidas no processo. Sento o momento de tradução da proposta de redação pode-se perceber que a influência dos contextos comunitário de relação forte entre as duas línguas influencia nas decisões apresentadas a equipe e, quando aceitas como visualmente inteligível à equipe é implementada.



Imagem 4

Considerações finais

A descrição das etapas tradutórias do PS/2017/LL-UFG resultou três discussões sobre aplicações teórico-práticas envolvidas nessa tradução: **(i)** o tradutor surdo segue naturalmente algumas das normas de tradução observadas por pesquisadores-tradutores surdos mesmo sem uma formação específica; **(ii)** o tradutor CODA utiliza de suas heranças culturais resultantes do pertencimento a uma comunidade surda para propor ajustes nas unidades de tradução e **(iii)** o tradutor comunitário utiliza estratégias para tradução observadas durante os contextos comunicativos entre os surdos.

Referências

- LADD, P. Understanding Deaf Culture: In search of deafhood. Clevedon UK: Multilingual Matters.
- RAMOS, Célia Regina. Tradução Cultural: uma proposta de trabalho para surdos e ouvintes. Editora Arara Azul, 2001.
- STONE, C. Towards a Deaf translation norm. Washington, D.C.: Gallaudet University Press, 2005.
- SOUZA, J. C. F. Intérpretes CODAS: construção de identidades. Dissertação (mestrado). 148p. Florianópolis, 2014.
- Olk, H. M. Translating culture: A think-aloud protocol study. Language Teaching research,6(2), p. 121-144. 2002